



CONGREGAÇÃO DOS AFRICANOS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS COMO FORMADORA DE REDE DE APOIO E COESÃO SOCIAL AOS REFUGIADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Márcia Denise Dutra Sias¹

IGREJA DOS AFRICANOS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A Congregação dos Africanos da Assembléia de Deus (Igreja dos africanos), pertencente à convenção de Madureira (CONAMAD)² é um Campo Missionário da Congregação da Assembléia de Deus de Boiúna- Jacarepaguá, RJ. Situa-se no Bairro de Brás de Pina, no subúrbio da Leopoldina³, próxima à favela Cinco Bocas. Trata-se de uma área onde se concentra parte dos 286 congoleses⁴ que tiveram como destino essa região metropolitana. Muitos dos frequentadores da referida Congregação são provenientes da República do Congo e da Angola. A congregação em questão possui cerca de 50 pessoas, sendo constituída por imigrantes permanentes, solicitantes de refúgio e de refugiados, além de cônjuges brasileiros, sendo estes últimos bem poucos, segundo informação do pastor do grupo⁵.

O motivo dos refugiados buscarem este local nos leva a supor que haja alguns fatores propícios a sua estabilização e adaptação, tais como: maior possibilidade de acolhimento, de receptividade entre seus moradores e, portanto na sua socialização, devido as relações interpessoais serem de caráter informal.

¹ Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Psicologia com experiências no campo institucional, escolar e clínico. Trabalho desenvolvido com refugiados (as) durante 3 anos na cidade do Rio de Janeiro, através do convênio entre a Cáritas Arquidiocesana-RJ e o Ministério da Justiça que resultou em uma pesquisa relacionada à Congregação da Assembléia de Deus de liturgia africana, tendo como sustentação a rede de apoio social.

² Convenção Nacional das Assembléia de Deus no Brasil – Ministério de Madureira; Disponível em: <http://www.conamad.com.br/>. Acesso em: 20 junh.2010.

³ Brás de Pina é um bairro de classe baixa na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro com cerca de 160 mil moradores. Surgiu e cresceu em função da expansão da malha ferroviária. Atualmente o bairro é dividido pela linha férrea, cercada por três favelas: Quitungo, Cinco Bocas e Vila do Pequim.

⁴ Dado desta informação foi obtido através do site geledés Instituto da mulher negra, onde foi realizada uma pesquisa a respeito dos congoleses no Rio de Janeiro em agosto de 2009. Disponível: www.geledes.org.br. Acesso 14 maio 2010.

⁵ Esta informação me foi concedida em uma das visitas que fiz ao local da Congregação com o pastor congolês Laza no dia 10 de novembro de 2009.



Tais aspectos parecem favorecer uma adaptação que seja condizente com a realidade de cada pessoa pelo viés da precariedade diante das dificuldades inerentes de quem reside nas regiões periféricas, contribuindo para que se tornem mais coesos socialmente. Isto vale para os migrantes, os nativos, os imigrantes e os refugiados(as).

Assim, podemos compreender de acordo com Pellegrino (apud, d`Adesky, 2003, p.119) que:

O espaço geográfico não é somente uma área geográfica, mas também uma forma de relação de objetos estruturados numa cultura e, sobretudo, uma rede relacional de representações coletivas que permite aos membros de uma coletividade conceder significados, geralmente reconhecidos, a elementos e características de seu espaço.

A comunidade religiosa diante do fato de ter se instalado no referido local, nos ajuda a refletir a respeito do quanto este circuito identitário está relacionado com mecanismos que engendram outras fontes de identidade cultural sem a perda do *ethos*⁶ sociocultural de um povo, que mantém em sua historia toda uma experiência diaspórica e a religiosidade que se afina a esse contexto.

REFUGIADOS(AS): leis que os(a) regem

Ao refletirmos sobre a função da Congregação dos africanos da Assembléia de Deus como espaço de formação de rede de apoio e coesão social, devemos fazer uma breve contextualização de quem é o(a) refugiado(a), as leis que os(as) regem no Brasil e seu lugar no contexto da cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com a Convenção de Genebra⁷, realizada em 1951 e o Protocolo de 1967, o termo refugiado se aplica a:

toda pessoa que devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, é também refugiado aquele que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual pode ou, devido a este temor, não quer a ele voltar. (Cáritas-RJ, s/d, p.10)⁸

No caso da legislação brasileira, os refugiados possuem seu estatuto garantido pela lei 9.474/97 que além de obter os preceitos acima mencionados, ampliou o que considera ser refugiado, agregando a seguinte citação, “indivíduo que devido à grave e generalizada violação de direitos

⁶ Para Geertz, *ethos* é o tom o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e a sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. Geertz, *Interpretação das Culturas*, Zahar, Ed. 1978, p.149.

⁷ Em 28 de julho de 1951 houve a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados em Genebra – Suíça que teve por objetivo estabelecer quem eram as pessoas que poderiam ser denominadas refugiadas e quais as normas que os países signatários deveriam seguir para o seu acolhimento.

⁸ CÁRITAS ARQUIDIOCESANA, RJ- Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Governo Federal. *Cartilha de Orientação para solicitantes de refúgio e refugiados- apoio s/d.*, p. 10.



humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país”. (idem, s/d, p.10)⁹

No entanto, o Comitê Nacional para Refugiados- CONARE¹⁰ é quem estabelece mecanismos distintos para decidir e promover o Estatuto jurídico, os direitos e os deveres de um refugiado, de acordo com seu sistema legal. A condução do processo de pedido de refúgio é realizada pela Cáritas Arquidiocesana¹¹. Decerto, os refugiados recebem da Cáritas do Rio de Janeiro e de São Paulo assistência como abrigo, alimentação, proteção e orientação jurídica.

Conforme fontes obtidas através das Cáritas das regiões citadas, no início de 2007 havia um total de 2.049 famílias de refugiados nas duas cidades, sendo 1.105 famílias em São Paulo e 1.349 famílias no Rio de Janeiro.¹² Tal diferença, no que concerne aos números de refugiados citados, segundo Aydos, Baeninger e Dominguez (2008)¹³ “deve-se principalmente ao fluxo de trânsito que o Rio de Janeiro recebeu entre 1991 a 1994 de imigrantes refugiados angolanos, que deixavam seu país com visto e ponte aérea para o Brasil”, possibilitando maior predominância dessa população. Tal justificativa aponta para o fato de que há uma maior permanência desse grupo no Brasil, sobretudo nessa cidade. Por possuírem um perfil próprio, isto é, os de se manterem mais homogêneos, contribuem para a constituição de matrimônios entre si conservando sua identidade étnica social e cultural.

Mesmo com toda lei existente que caracteriza o refugiado e sua proteção, encontramos enorme dificuldade para estabelecermos diferenças entre o imigrante e o refugiado, tendo em vista situações que, estão intimamente relacionadas ao aumento dos conflitos e violações de direitos no mundo e, principalmente nos países subdesenvolvidos que ainda insistem em fazer com que as populações tenham que deixar sua terra de nacionalidade para escapar às atrocidades em nome da hegemonia de países desenvolvidos, de líderes ditadores, de genocídios, entre outros.

Além do mais a miséria e a ausência de perspectiva de vida e o seu desenvolvimento, frequentemente, faz com pessoas de outros países busquem asilo em lugares distantes, onde muitas

⁹ Idem.,s/d., p. 10.

¹⁰ Idem. Órgão ligado ao Ministério da Justiça que além de analisar e decidir sobre as solicitações de refúgio, é responsável pela Política Nacional para Refugiados.

¹¹ Entidade sem fins lucrativos ligada a Arquidiocese cujo objetivo é a promoção humana. A instituição foi pioneira no trabalho de assistência aos refugiados desde a década de 70. Possui a missão de garantir vida digna e proteção, sobretudo aos grupos mais marginalizados que, por sua natureza, necessitam de maior assistência e cuidado. Disponível em: <http://unicrio.org.br/caritas-rio-e-acnur-celebram-dia-mundial-do-refugiado-na-uerj/>. Acesso em 29 junh. 2010.

¹² Esses dados foram extraídos do artigo de Aydos, Baeringer, e Dominguez, cujo título é: Condições de Vida da população refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares, p 6. Disponível em: http://www.migrante.org.br/artigo_sobre_refugiados_2008_mrj.pdf Acesso em 13 junh. 2010.

¹³ Disponível: http://www.migrante.org.br/artigo_sobre_refugiados_2008_mrj.pdf Acesso em 13 junh. 2010.



vezes encontram dificuldades para serem inseridas socialmente. Por essa razão é que se torna uma tarefa difícil fazer a distinção que envolve o imigrante e o refugiado.

Cierco (s/d, p. 149) nos ajuda a refletir sobre tal fato:

[...] há tantos motivos de fuga como há de imigrantes. Mas as causas específicas que implicam perseguições e ausências de proteção nacional, permitem distinguir os refugiados dos imigrantes. Não é contudo, na prática isolar uma causa específica de fuga já que, na sua origem estão um conjunto de motivações, receios, esperanças, ambições e outras razões por vezes difíceis de distinguir. Mesmo no caso dos refugiados, os motivos de fuga são complexos.

Desse modo, consideramos as dificuldades e os impasses que esbarramos ao tratar de um tema tão complexo.

REDE DE APOIO E A IGREJA DOS (AS) AFRICANOS(AS): POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO SOCIAL

As Igrejas pentecostais possibilitam as pessoas expressarem seus sentimentos subjacentes às demandas subjetivas, sem descaracterizar sua posição doutrinária que é a de salvar vidas em meio ao batismo espiritual que é para Cortem (1996), o “batismo emocional”, porque o que vigora é o sentimento intenso-místico do contato com Deus. O pentecostalismo, por ser uma doutrina com características populares ela possui como proposta auxiliar os pobres, os marginalizados a sentirem-se mais fortalecidos mediante as adversidades da vida, embora atualmente pessoas de classe média como profissionais liberais e empresários, tem aderido a este tipo de religiosidade.

As considerações com relação ao imigrante e sua associação ao movimento pentecostal, nos apontam para a possibilidade da criação de rede de apoio social e a inclusão em função das questões que envolvem o imigrante e que incide sobre seu *ethos* e na maneira de se ver pertencente a um novo lugar.

Por outro lado, observamos que o processo de deslocamento que o refugiado passa carece provocar grandes tensões e mal estar que levam ao sofrimento emocional.

A título de ilustração, trazemos o relato de um refugiado que nos ajudará a refletir sobre a experiência de quem viveu os dramas de uma imigração forçada.

O enfermeiro Charly (não revelou o sobrenome), 28 anos, trabalhava no Congo quando um confronto entre soldados e guerrilheiros deixou muitos feridos. Foi preso ao prestar socorro às vítimas. "Primeiro, fiquei só dois dias na cadeia. Meus familiares pagaram fiança e fui solto. Mas, quatro dias depois, voltaram a me prender e então fiquei quatro meses." Afirma que todo dia era espancado. Com ajuda da família, ele fugiu de avião para o Rio, onde encontrou um amigo com quem divide uma casa. (geledés.online).¹⁴

¹⁴

Disponível <http://www.geledes.org.br/em-debate/um-pedaco-do-congo-no-rio.html+historia+do+bairro+de+braz+de+pina&cd=61&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 14 junh 2010.



Esse caso soma-se a muitos outros, com características semelhantes, ao menos imbuídos de dor e sofrimento, talvez em função de seu desenraizamento, incidindo em mudanças de cunho social e cultural profundas na vida de um sujeito. Não desmerecemos os fatores psicológicos que subjazem tais aspectos e que são merecedores de atenção.

Diante de tal aspecto, a rede de apoio pode ser configurada em meio ao sentimento de esperança, de consolo e da vontade de vencer. Em função disso, ela é definida por Minkler (apud. Valla, s/d, p.4) como sendo

Qualquer informação falada ou não, e/ou auxílio material, oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem, que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco, isto é, que tanto gera efeitos positivos para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham controle sobre suas vidas e desse processo se apreende que as pessoas necessitam umas das outras”.

Portanto, podemos considerá-la elemento constituinte das religiões, principalmente as de caráter popular como é o caso da Assembléia de Deus, por proporcionar aos participantes ajuda mútua que engendram novas formas de solidariedade, em função do grupo social, uma vez que busca manter a identidade cultural, favorecendo a inserção social.

Bastos (Ibidem, p.52) nos confirma tal fato:

A solidariedade social é definida pelo grau de integração e coesão entre os membros de uma sociedade, regulamentada pela própria consciência coletiva e implicando em igualdade e diferença pressupõe não só a existência da consciência individual, diferente, ‘ que faz a cada um de nós indivíduo.

Na Congregação dos africanos, provavelmente esse espírito de solidariedade pode estar ancorado na ideia de coletividade, por expressar sentimentos interligados ao desejo de se manterem fortalecidos pela memória a ser recordada por intermédio da língua nativa- lingala-, da dança, da força nas palavras, dos gritos entoados pelas mulheres que podem ser tanto de alegria, de entusiasmo, de força e também de recordações de suas histórias.

Assim, podemos considerar as questões de gênero que envolvem os grupos pentecostais são assimétricas, ao mesmo tempo em que favorecem a revisão da condição social das mulheres e estimulam o processo de individuação. Desse modo, os valores religiosos parecem resgatar a autoestima, conseguindo (re)significar suas vidas, através de um (re)ordenamento estrutural para enfrentar os desafios do dia-a-dia.

No caso das africanas, pertencentes a esta comunidade religiosa, tal aspecto, parece ajudá-las a sentirem-se fortalecidas para poderem lidar com a subjetividade. Quando são oriundas de uma cultura que as colocam numa condição inferior a dos homens, independentemente da classe social. Tal aspecto é bastante comum no continente africano.



Cabe destacar que ao se depararem com uma sociedade como a do Rio de Janeiro onde coexiste a liberdade de expressão da subjetividade feminina, com o *ethos* sociocultural na qual há também uma cultura machista como elemento de seu extrato simbólico, existe uma enorme possibilidade de que o espaço que ocupam nessa Congregação, seja o de manterem ligadas a uma memória que as faz sentirem mais protegida desse novo lugar¹⁵.

Temos notícias a respeito dos efeitos provocados pela globalização, sendo um deles a perda da memória segundo Hervieu-Lergér (2008), pois ela pode, ao mesmo tempo propiciar a criação ou a adaptação do tradicional ou de um “repertório de gestos a recordar.” A congregação dos africanos pode estar associada a este gesto a recordar.

Ao nos referirmos aos homens e às mulheres que pertencem a esta comunidade religiosa, o sentimento de estar ligado ao transcendente, proporciona a própria noção de sua existência frente ao circuito identitário que ocorre por meio do transe e do êxtase, como manifestação de fenômeno que vai para além de questões materiais. Pode ser algo relacionado às demandas internas que operam na forma de lidarem com o seu *ethos* sociocultural que pode ser reforçado pelo apoio que é dado pela congregação.

Barrios (1991, apud, Pietrukowicz, 2001, p.1)¹⁶ define apoio como: “qualquer atividade que permita num espaço de tempo compartilhar com familiares, amigos, grupos religiosos entre outros grupos, ou qualquer pessoa que ofereça um apoio afetivo ou material”.

Nesse contexto os imigrantes africanos, sustentados pelo movimento assembleiano procuram viver suas vidas como um meio de inserção e de inclusão social.

CONCLUSÃO

As migrações internacionais têm sido parte da complexa realidade por meio da qual, o(a) refugiado(a) africano(a) procura manter-se coeso socialmente para que não venha perder sua memória, sua identidade cultural e sua raiz étnica, em meio ao processo da globalização. Considerando ser esse processo fator que produz nas instituições de sentido, a noção de que as

¹⁵ As argumentações estão baseadas no trabalho que desenvolvi com algumas dessas mulheres através da Cáritas Arquidiocesana-RJ. Outrossim, a questão de gênero será contemplada na pesquisa de campo a ser realizada nessa Congregação. Tal pesquisa está em fase de elaboração.

¹⁶ PIETRUKOWICZ, Márcia Cristina Leal Cypriano. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde pública*. [mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001.p.1. Disponível em: www.portalteses.cict.fiocruz.br/trnsf.php/?script. Acesso em 5 junh. 2010.



relações entre seus membros de pertença se vejam identificadas pelo papel que a coletividade possui, a pluralidade cultural e religiosa se tornam aspectos que permitem com que as fronteiras entre os grupos sociais sejam elásticas e permeáveis entre si.

Entretanto, dadas às diversidades culturais, esse fenômeno social que produz a interação e a integração entre os sujeitos, faz com que seja um aspecto organizador, porém não serve como garantia para a formação de rede de apoio e coesão social, visto que as comunidades para Stein (apud, Baumann, 2003, p. 48) têm sofrido um processo de declínio, o qual ele cunhou como “eclipse” da comunidade.

Contudo, paradoxalmente, a rede de apoio demonstra proporcionar ao indivíduo, refugiado, despatriado, desenraizado, a possibilidade de engendrar sensação de coerência na vida e de controle sobre a mesma, operando como uma teia que ao mexer em um de seus fios todos os outros sentem tal vibração.

A religião nesse contexto nos fornece a idéia de que a sensação de vida tem sentido diante da diáspora sofrida.

Religiões são fontes de sentido, nos dizem que o que é o mundo, como devemos nos colocar nele, aceitando-o, rejeitando-o, procurando sua transformação etc. Fornece modelo de identidade, no sentido de dizer quem somos nós, mas também propiciando referenciais para nossas representações de direitos, de igualdade, de justiça, e porque não ? De fraternidade. (Prandi, apud, Oro, 1997 p.67).

Tais aspectos, em meio ao contexto religioso, dos africanos apontam para a possibilidade de lhes oferecer o lugar onde sua liturgia promove certa liberdade para exprimir o cotidiano de incertezas, das diferenças étnicas, da cosmovisão que a diáspora os fez viver e, assim, buscar um espaço de manutenção de sua identidade cultural. Ao mesmo tempo em que o culto movido pelo êxtase, de acordo com as características comuns ao movimento pentecostal, favorece a rede de apoio entre seu grupo de pertencimento. Tal fato se deve, segundo Rivera (2005, p. 7) “ao mundo pentecostal onde circula com facilidade novas canções e novos ritmos musicais porque a imprevisibilidade do Espírito o permite”.

As questões e os fatos aqui abordados parecem demonstrar a evidencia da contribuição da comunidade religiosa para aceitação e a adequação dos grupos de refugiados, no sentido de os mesmos poderem expressar a sua religiosidade como forma de rede de apoio e coesão social.

BIBLIOGRAFIA

AYDOS, Mariana, BAENINGER, Rosana, DOMINGUEZ, Juliana A. **Condições de vida da população refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares.** Associação



- Latino Americana de População, ALAP.III, 2008,Córdoba- Argentina pp. 1-14.Disponível em: http://www.migrante.org/artigo_sobre_refugiados_2008_mrj.pdf. Acesso em: 13 junh. 2010.
- BAUMANN, Zygmunt. **Comunidade: busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.
- BRANDÃO, André Augusto P. **Miséria da Periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas Ed., Niterói: PENESB, 2004.
- CÁRITAS ARQUIDIOCESANA ,RJ- Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Governo Federal. **Cartilha de Orientação para solicitantes de refúgio e refugiados- s/d.**, p. 10.
- CIERCO, Tereza. **A política de refugiados e a conjuntura internacional**.In: Revista CEPESSE nº11 s/d, p.149. Disponível em : www.cepese.up.pt-pdf-revista11-11revista149.pdf. Acesso em 16 junh. 2010.
- CONVENÇÃO NACIONAL DAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL-MINISTÉRIO DE MADUREIRA. Ed. Betel (online). Disponível em: <http://www.conamad.com.br/tabid/546/Default.aspx>. Acesso em: 16 junh.2010.
- CORTEN, André. **Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes,1996.
- D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismo e anti-racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- GELEDES INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Um pedaço do Congo no Rio de Janeiro**. 9 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/um-pedaco-do-congo-no-rio.html+historia+do+bairro+de+braz+de+pina>. Acesso em 15 junh. 2010.
- HERVIEU-LÉRGER, D. **O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes Ed., 2008.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. 1ª ed. Ed. Autores Associados. 1996.
- ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes Ed., 1997.
- PIETRUKOWICZ, Márcia Cristina Leal Cypriano.**Apoio social e religião: uma forma de enfraquecimento dos problemas de saúde**. (mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2001.pp.1-13. Disponível em: www.portalteses.cict.fiocruz.br/trnsf.php/?script. Acesso em 5 junh. 2010.
- RIVERA, Paulo Barrera. **Festa, corpo e no culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano**.In:Revista de estudos e pesquisa da religião- NUMEN. V 8, n 2 jul-dez.2005, pp. 7-149.
- VALLA, Victor Vincent. **Globalização e saúde no Brasil: busca da sobrevivência pelas classes populares via questão religiosa**, s/d, pp. 1-19. Disponível: www.anped.org.br/reuniões . Acesso 4 junh. 2010.